

O Continuum entre Flexão e Derivação nos Sufixos Intensificador e Atenuativo da Língua Guajá

Marina Maria Silva Magalhães, Dimitria Giovanna Costa Ferreira

Universidade de Brasília

Resumo

Um debate recorrente na morfologia diz respeito aos critérios para a diferenciação entre a flexão e a derivação nas línguas. A discussão fica mais interessante quando vista sob o ângulo da língua Guajá, no que tange ao par de sufixos *-hu* ‘intensificador’ e *-’i* ‘atenuativo’, que ultrapassam a fronteira de uma classe de palavras específica e podem ser associados tanto à classe dos nomes quanto à classe dos verbos, numa língua em que ambas as entradas lexicais funcionam como predicado primariamente, característica típica de línguas omni-predicativas. O presente artigo pretende investigar até que ponto os sufixos intensificador e atenuativo do Guajá podem ser melhor caracterizados como flexionais ou derivacionais, levando em conta os critérios apresentados por diferentes autores. Adota-se uma perspectiva tipológica-funcionalista, em que os dois processos de formação de palavras são vistos como polos opostos de um contínuo, e não como categorias independentes que se opõem.

1 Introdução

Os termos técnicos Flexão e Derivação são comumente usados para designar, segundo Haspelmath e Sims (2010:8), “a relação entre as formas que um mesmo lexema assume” e “a relação entre os lexemas de uma mesma família de palavras”, respectivamente¹. No entanto, não é sempre fácil identificar, a depender da língua, se uma forma pertence a um lexema ou representa um lexema próprio que faz parte de uma família de palavras. Soma-se a isso o fato de que os critérios de delimitação das fronteiras entre os processos de derivação e flexão, bem como o modo de se analisar as categorias linguísticas, podem variar conforme a corrente teórica adotada e a depender do funcionamento interno de cada língua.

O Guajá, língua pertencente ao subgrupo VIII da família Tupí-Guaraní (FTG) (Rodrigues 1984; 1985 e também Cabral 1996), apresenta dois sufixos que ilustram essa dificuldade de delimitação de fronteiras entre a morfologia flexional e a derivacional: os sufixos intensificador e atenuativo *-hu* e *-’i*, respectivamente. Tal classificação torna-se ainda mais desafiadora quando observado que o Guajá apresenta uma peculiaridade típica de línguas dessa família que pode estar associada a características omni-predicativas identificadas nas línguas Tupí-Guaraní (Magalhães, Praça e Cruz 2019): os referidos sufixos podem combinar-se tanto com raízes nominais quanto com raízes verbais.

Assim, o presente estudo pretende investigar as características desses morfemas e discutir até que ponto eles podem ser melhor analisados como flexionais ou derivacionais, levando em consideração as

¹ No original (Haspelmath e Sims 2010:18): Inflection: the relationship between word-forms of a lexeme. Derivation: the relationship between lexemes of a word family.

características elencadas por Payne (2006) e Haspelmath e Sims (2010). Tais autores adotam uma perspectiva tipológica-funcionalista, em que os dois processos são vistos não como categorias discretas dicotômicas, mas como pertencentes a um *continuum* em que os polos apresentam morfemas com as características prototípicas entre os quais muitos itens intermediários podem ser encontrados. A razão pela qual alguns morfologistas preferem a abordagem contínua é que eles querem “evitar fazer uma escolha arbitrária dos critérios elencados na definição de cada processo e, portanto, tendem a considerar as propriedades como um todo coletivo” (Haspelmath e Sims 2010:99).

O trabalho está organizado em seis seções: na primeira seção abordamos brevemente as principais características do povo Awá Guajá, de sua língua e da pesquisa. Na seção 2, apresentamos os critérios que distinguem flexão de derivação de acordo com Payne (2006) e Haspelmath e Sims (2010). Na seção 3, descrevemos as características da língua que dizem respeito mais especificamente a esse tema, tais como a diferença morfossintática entre nomes e verbos e a hipótese de uma possível herança de características omnipredicativas relacionadas à família Tupí-Guaraní. Já na seção 4, apresentamos os sufixos *-hu* e *-’i* e suas funções, enquanto na seção 5 analisamos seu funcionamento na perspectiva de um *continuum*. Por fim, na seção 6, apresentamos nossas considerações finais sobre a análise.

2 O Povo Awá-Guajá, sua Língua e a Pesquisa

2.1 O povo

De acordo com Garcia e Magalhães (2021), o povo Awá Guajá constitui um dos últimos habitantes dos formadores dos rios Pindaré e Gurupi, vivendo nas Terras Indígenas Awá, Caru, Alto Turiaçu e Arariboia, situadas nos últimos refúgios de floresta amazônica do Estado do Maranhão. Somam atualmente cerca de 520 pessoas e, apesar de a maioria da população viver em aldeias após o contato oficial com o Estado brasileiro, intensificado na década de 1970, há grupos vivendo em isolamento voluntário.

Apesar de não viverem mais em acampamentos temporários como antigamente, quando a economia era fundamentalmente baseada na caça e na coleta, e os pequenos grupos familiares tinham autonomia política, a vida na floresta continua sendo fundamental para os Awá Guajá nesse processo de contato que atravessou a década de 1990 e se arrasta até hoje. Atualmente, eles se encontram no meio de um turbilhão de transformações decorrentes do contato, do desmatamento crescente e da invasão de seus territórios e dos novos relacionamentos com povos vizinhos e instituições de Estado. Seu maior desafio é garantir de maneira conciliada a proteção dos recursos naturais essenciais ao seu modo de vida e o desenvolvimento de fontes de renda sustentáveis frente a tantos retrocessos que o Brasil e, em especial os povos indígenas, vêm atravessando nas áreas ambientais e dos direitos humanos.

2.2 A língua

A família linguística Tupí-Guaraní, à qual pertence a língua Guajá, é a família mais numerosa do tronco Tupí, contendo 22 línguas vivas, faladas por 33 mil indígenas (dados de 1994), localizados em sua maioria nas áreas de floresta tropical e subtropical (Rodrigues 1994). O Guajá pertence ao subconjunto VIII desta família, que inclui também as línguas Takunyapé, Ka’apor, Wayampí, Wayampipukú, Emérillon, Amanayé, Anambé, Turiwára e Zo’é (Rodrigues 1984; 1985 e Cabral 1996). O primeiro estudo sobre a língua foi realizado por Cunha (1987) e, mais recentemente, Magalhães produziu uma dissertação (2002) e uma tese (2007) sobre o Guajá, além de diversos artigos.

2.3 Pesquisa e Metodologia

Seguindo a abordagem funcional-tipológica, na qual tratamos as línguas como uma “ferramenta comunicacional” e analisamos a sua funcionalidade a partir de uma “visão participativa dos falantes” (Nichols 1984:97), a presente pesquisa tem cunho investigativo e bibliográfico, a partir da análise linguística de dados extraídos de referências bibliográficas sobre a língua Guajá (Magalhães 2007 e Trevelin et al. 2015), além de dados não publicados que integram notas de campo cedidas pela autora Magalhães, todos extraídos de transcrições de narrativas coletadas em contexto natural de fala.

A discussão central da pesquisa (os sufixos *-hu* e *-i* são derivacionais ou flexionais?) tem como base as definições de flexão e derivação encontradas em Payne (2006) e Haspelmath e Sims (2010). Contudo, outros autores, independente da corrente teórica e abordagem morfológica, foram consultados devido à sua contribuição na discussão sobre o tema. É o caso Rocha (2008) e Câmara Jr. (1970).

3 Estudos Morfológicos: Derivação e Flexão

Ao analisarmos os processos morfológicos que caracterizam as palavras, deparamo-nos com dois conceitos distintos: flexão e derivação. Qual seria, inicialmente, a diferença entre esses dois processos? Câmara Jr. (1970), estruturalista brasileiro, em seu livro *Estrutura da língua portuguesa*, traz a noção de que a variação de “um vocábulo para nele expressar dadas categorias gramaticais” constitui a flexão e a criação de um novo item lexical, a derivação. Partindo desse ponto, Mattoso convoca três critérios para a diferenciação da flexão e da derivação: regularidade sistemática (regular ou irregular), exigência pela frase (concordância ou não concordância) e vontade do falante (opcionalidade e não opcionalidade). A flexão é estabelecida pela regularidade, exigência pela frase e não opcionalidade do falante. A derivação, por sua vez, é irregular, não exigida pela natureza da frase e opcional.

Tomemos como exemplo o grau do substantivo em português. Ainda em Câmara Jr. (1970), segundo o critério da regularidade, a caracterização de aumentativo e diminutivo em um substantivo é um processo híbrido, uma vez que para o grau aumentativo ocorreria uma irregularidade (faca – facão, mas não pedra – *pedrão), portanto um processo derivativo, e, para o diminutivo, regularidade (faca – faquinha; pedra – pedrinha), caracterizando um processo flexional.

Já o gerativista Rocha (2008) evoca a noção de afetividade presente na sufixação gradual do português para definir semanticamente os sufixos chamados de diminutivo e aumentativo como “avaliativos”, em virtude de o grau manifesto revelar necessariamente emotividade, enquanto a noção de dimensão pode estar presente ou não. Tendo em mente que tais morfemas não ativam um mecanismo de concordância, característica central dos mecanismos linguísticos de flexão, segundo a abordagem de Rocha, o grau dos substantivos e adjetivos do português é classificado como derivacional.

Autores como Câmara Jr. e Rocha são proponentes de uma abordagem dicotômica sobre as estruturas linguísticas e, portanto, tendem a considerar propriedades específicas como definidoras de um ou outro mecanismo, especialmente as que são relevantes para a sintaxe, argumentando que esses traços são indicativos de uma distinção entre flexão e derivação na arquitetura formal do sistema morfológico.

Em contraste, autores de outras linhas teóricas preferem a abordagem do *continuum* para, por meio da avaliação das propriedades como um todo, evitar fazer uma escolha arbitrária de critérios específicos.

Em algumas línguas, a diferença entre os processos de flexão e derivação é bastante clara, sendo possível encontrar morfemas que se encaixam na maior parte dos critérios estabelecidos. Entretanto, em outras línguas, como é o caso do Guajá, tais delimitações rígidas não colaboram com uma análise mais aprofundada do caso uma vez que, se egermos um critério ou outro como o mais relevante, eles podem apontar para conclusões diferentes.

Por esse motivo, justificamos nossa opção pela análise dos sufixos intensificador e atenuativo do Guajá como parte de um *continuum*, onde cada morfema pode ser situado em algum ponto de uma linearidade

flexível ao invés da adoção de critérios fechados e inflexíveis que os defina por características específicas eleitas como mais relevantes.

Assim, de acordo com Payne (2006), para cada categoria conceitual, isto é, uma “expectativa de um comportamento padronizado, em que há uma relação frequente entre forma e variação de significado”², há um protótipo a ser observado. Um protótipo é a melhor forma de se definir uma categoria conceitual, baseado em suas propriedades gramaticais. Vejamos: o melhor exemplo para um substantivo seria uma “palavra que se refere a coisas que não mudam com o passar do tempo”³. Contudo, há substantivos que expressam passagem do tempo, como explosão. Desse modo, pedra é mais prototípico que explosão.

Utilizando a noção de protótipo, Payne (2006), apresenta os principais critérios para a diferenciação entre a derivação e flexão, conforme ilustrado no Quadro 1:

	Derivação	Flexão
1	Raramente é requerida pelo contexto sintático	Normalmente requerida pelo contexto sintático
2	Normalmente muda a classe da palavra	Raramente muda a classe da palavra
3	Afeta de modo considerável o significado da raiz	Contribuição relativamente pequena para o significado da raiz
4	Tende a não se aplicar em todas as raízes de uma categoria lexical	Tende a se aplicar em todas as raízes de uma categoria lexical
5	Tende a não ter sempre o mesmo efeito semântico quando aplicada	Tende a ter sempre o mesmo efeito semântico quando aplicada
6	Tende a ocorrer em paradigmas não regulares	Tende a ocorrer em eixos de seleção paradigmáticos regulares

Quadro 1: Diferenças entre derivação e flexão segundo Payne (2006:39). Adaptação nossa

Em síntese, percebe-se que a derivação gera um novo item lexical e a flexão concede uma nova “roupagem” ao mesmo item lexical. Aquela categoria conceitual que atende a todos os critérios pode ser considerada como exemplo prototípico. Caso se diferencie em um ou outro aspecto, há um progressivo afastamento da prototipicidade particular.

Haspelmath e Sims (2010) contribuem para a discussão acrescentando alguns critérios para a diferenciação entre derivação e flexão. Outro quadro comparativo pode ser formulado a partir das considerações destes autores (Quadro 2).

	Derivação	Flexão
1	Não relevante para a sintaxe	Relevante para a sintaxe
2	Opcional	Obrigatório
3	Cria um novo conceito	Possui o mesmo conceito que a raiz
4	Aplicabilidade limitada	Aplicabilidade ilimitada
5	Semântica provavelmente irregular	Semântica regular
6	Expressa próxima à base	Expressa na periferia da palavra
7	Induz menos alomorfa das bases	Induz mais alomorfa das bases
8	Sem possibilidade de acúmulo de noções gramaticais em um mesmo morfema	Possibilidade de acúmulo de noções gramaticais em um mesmo morfema

Quadro 2: Diferenças entre derivação e flexão segundo Haspelmath e Sims (2010:90). Adaptação nossa

² No original (Payne 2006:37): [...] an expectation of patterned behavior – a recurring relationship between variation in form and variation in meaning.

³ No original (Payne 2006:20): [...] words that refer to things that don’t change over time.

Dentre os critérios definidores das categorias conceituais, um *continuum* entre derivação e flexão pode ser estabelecido. *Continuum*, palavra etimologicamente emprestada do latim, expressa a continuidade de um conjunto de elementos que vão se seguindo sem intervalos nem interrupções e que estabelecem entre si diferenças significativas quando comparados os primeiros e os últimos elementos da sequência. Tal noção, quando aplicada na linguística a categorias conceituais, permite uma maleabilidade necessária aos conceitos nem sempre prototípicos de algumas delas.

Voltando ao exemplo do grau do substantivo em português, se aplicarmos os critérios de Payne (2006), notaremos algumas particularidades típicas da derivação, como a não relevância para a sintaxe, uma vez que não aciona a concordância e a tendência a não ter o mesmo efeito semântico quando aplicado, dado que pode expressar semântica dimensional ou avaliativa. No entanto, o fato de não mudar a classe da palavra nem afetar de modo considerável a raiz atribuem características flexionais a esses morfemas. Já a tendência a ocorrer em eixos de seleção paradigmáticos regulares pode ser atribuída apenas ao sufixo *-inho(a)*, mas não aos demais sufixos de diminutivo e aumentativo do português, que também apresentam aplicabilidade limitada. Sendo assim, o sufixo *-inho(a)* seria classificado como flexional por conter a maior parte das características prototípicas desse fenômeno, enquanto os demais morfemas de grau se encaixariam melhor na classe dos morfemas derivacionais.

Como observado na Figura 1, os morfemas de aumentativo e diminutivo (com exceção de *-inho(a)*) ficariam alocados no *continuum* como derivacionais mas, por não conter exaustivamente todas as propriedades prototípicas desse processo, estariam um pouco menos próximos deste extremo.



Figura 1: *Continuum* derivação-flexão do grau do substantivo no português

A visão de um *continuum* permite que os processos morfológicos sejam vistos de forma holística e linear, e não de forma rígida que pretenda gerar alguma espécie de veredito para uma ou outra categoria.

4 Características Relevantes da Língua Guajá para Este Estudo

4.1 O Comportamento dos Nomes e Verbos no Guajá

O léxico de uma língua pode ser subdividido em dois tipos gerais: palavras lexicais e palavras não lexicais (Givón 2001:44). As palavras lexicais, ou de conteúdo, dizem respeito ao mundo interno compartilhado culturalmente, ou por meio de experiências, que são representadas por um pequeno número de grandes classes relativamente abertas. As palavras não lexicais, ou de função, codificam funções gramaticais e são expressas por um número grande de pequenas classes relativamente fechadas.

Givón (2001:54) propõe distribuir as classes lexicais nomes e verbos através de uma escala de estabilidade temporal coerente em que, num extremo, os nomes, relativamente estáveis, expressam prototipicamente entidades concretas, físicas e compactas, feitas de materiais sólidos e duráveis (como pedra, árvore e cachorro). No outro extremo estariam os verbos, menos estáveis, por denotarem mudanças rápidas, expressando prototipicamente ações e eventos (como quebrar, atirar e chutar). Nas línguas em que se atesta a existência da classe dos adjetivos (por meio de características semânticas e morfológicas e por meio de distribuição sintática), ela ocupa, segundo Givón (*op.cit.*), a parte intermediária da escala, onde costuma abarcar pelo menos as propriedades físicas mais estáveis dos nomes prototípicos, como tamanho, forma, cor,

consistência, textura, peso, cheiro e sabor. A escala de estabilidade temporal proposta por Givón pode ser resumida da seguinte maneira (Figura 2):



Figura 2: Escala de estabilidade temporal segundo Givón (2001:54). Adaptação nossa

E pode ser ilustrada pela língua Guajá como a seguir (Figura 3):

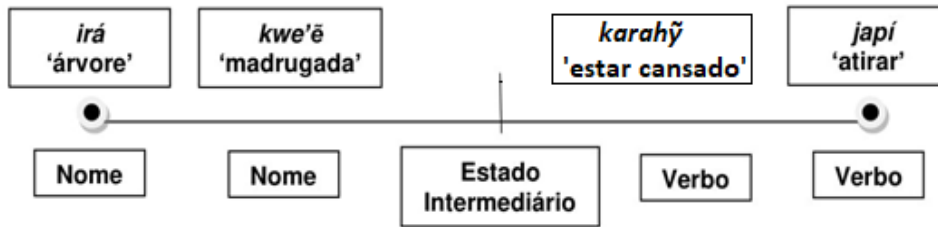


Figura 3: Escala de estabilidade temporal ilustrada pelo Guajá segundo Magalhães (2007:11). Adaptação nossa

Na escala acima, *irá* ‘árvore’ representa um nome por ser uma entidade concreta, feita de matéria relativamente durável e compacta e formada por um conjunto de muitos traços particulares associados entre si, como tamanho, forma, cor, composição e uso cultural. Ele ocupa o extremo mais estável da escala de estabilidade temporal, seguida por um nome menos estável temporalmente como *kwe'ẽ* ‘madrugada’. Já o verbo *japí* ‘atirar’, que denota uma experiência de curta duração e codifica evento que envolve participantes concretos situa-se, portanto, na outra extremidade da escala, onde encontram-se os verbos prototípicos, sendo antecedido por verbos menos prototípicos que codificam estados temporários como *karahỹ* ‘estar cansado’.

Qualquer língua possui no mínimo duas classes lexicais: a dos verbos e a dos nomes (Payne 2006). E, para que essas classes sejam identificadas, há que se associar suas características semânticas às formais, isto é, ao seu comportamento morfológico e sintático, conforme será feito em seguida para caracterizar os nomes e verbos do Guajá.

4.2 Nomes

Apesar de os nomes constituírem, frequentemente, a função de núcleos de sintagmas nominais que referem (1), também podem ocorrer como núcleos de predicados em construções equativas (2) (Magalhães 2007)⁴.

⁴ Em todos os dados provenientes de Magalhães (2007), substituímos a glosa do sufixo *-a* interpretado à época como *-N* (sufixo nominal), por *-RFR* (sufixo referenciante), conforme a interpretação disponível em artigos científicos mais recentes da autora. Fizemos isso para que os dados do Guajá neste artigo tenham glosas mais uniformes.

- (1) [tapi'ir-a]_{SN} [Ø-manũ]_{SV}
 anta-RFR 3.I-morrer
 'a anta morreu' (Magalhães 2007:16)
- (2) [karai-a]_{SN} [jaha]_{SN}
 não.indígena-RFR eu
 'eu sou não indígena' (Magalhães 2007:17)

Somente os nomes podem referir sem a necessidade de um morfema derivacional, bastando apenas a flexão com o sufixo nominal referenciante *-a* ~ *-Ø* (Magalhães e Mattos 2014). Assim, nomes ocorrem como núcleo de SNs associados a predicados verbais, explicitando a referência dos argumentos expressos pelos índices pessoais (3) e como argumentos internos de sintagmas posposicionais (4):

- (3) [i-mymyr-a]_{SN} [Ø-kere]_{SV}
 3.II = R-filho-RFR 3.I-dormir
 'o filho dela está dormindo' (Magalhães 2007:188)
- (4) jaha ajo [[ka'a]_{SN} r-ia]_{SP}
 eu 1.I-vir mata R-ABL
 'Eu vim da mata' (Magalhães 2007:156)

Segundo Magalhães e Mattos (2014), do ponto de vista morfológico, os nomes configuram a única classe gramatical que: (i) admite flexão com o sufixo referenciante *-a*, conforme (1), (2) e (3); (ii) ocorre com o sufixo casual locativo *-pe* (5); (iii) recebe os sufixos de atualização nominal *-ker* e *-rỹm* (6 e 7, respectivamente); (iv) ocorre com o sufixo coletivizador *-ker* (exemplo 8)⁵.

- (5) a-jku ta ha = r-ipa-pe
 1.I-ficar FUT 1.II = R-casa-LOC
 'vou ficar na minha casa' (Magalhães e Mattos 2014:255)
- (6) t-ipa-ker-a
 HUM-casa-RETR-RFR
 'casa abandonada (ou destruída)' (Magalhães e Mattos 2014:255)
- (7) t-ipa-rỹm-a
 HUM-casa-PROSP-RFR
 'casa projetada (ou em construção)' (Magalhães e Mattos 2014:255)
- (8) awa Ø-warihã-ker-a i-mymyr-a Ø-pyhy wỹ
 Guajá R-macho-COL-RFR R-filho-RFR 3.I-pegar PLU
 'a homenzarada pegou seus filhos' (Magalhães e Mattos 2014:255)

⁵ O sufixo de atualização nominal retrospectiva e o sufixo coletivizador, apesar de terem funções gramaticais muito distintas, são homófonos (*-ker*) e, em muitos casos, apenas o contexto pode esclarecer qual dos dois está sendo usado. No entanto, têm origem em morfemas distintos, o que pode ser evidenciado em outras línguas da família, em que assumem formas distintas.

4.3 Verbos

Sintaticamente, os verbos no Guajá podem ser divalentes ou monovalentes, dependendo do número de argumentos que admitem (Magalhães e Mattos 2014): os verbos monovalentes admitem somente um argumento, interno ou externo. O exemplo (9) abaixo ilustra um verbo monovalente com seu único argumento expresso por meio da marca de primeira pessoa *a-*. Os verbos divalentes, por outro lado, apresentam dois argumentos: um interno e outro externo. Neste último caso, a marcação no núcleo verbal dependerá da pessoa do argumento, obedecendo a uma hierarquia referencial que não será discutida neste trabalho⁶. Em (9), o prefixo *a-* expressa o sujeito agente de primeira pessoa do singular e em (10), o prefixo \emptyset - expressa o sujeito agente de terceira pessoa.

- (9) *jaha a-kere tapo ha = \emptyset -kaha-pe*
 eu 1.I-dormir POS4 1.II = R-rede-LOC
 ‘eu dormi deitado na minha rede’ (Magalhães 2007:18)

- (10) *majhu-a arapaha- \emptyset \emptyset -mukũ*
 jiboia-RFR veado-RFR 3.I-engolir
 ‘a jiboia engoliu o veado’ (Magalhães e Mattos 2014:254)

Ainda segundo as autoras, os verbos caracterizam-se morfologicamente por não admitirem flexão com os sufixos *-a*, *-pe*, *-ker* ou *-rĩm*, exclusivo dos nomes. No entanto, somente verbos podem ser nominalizados (11) e causativizados (12).

- (11) *a'e i-pyhyk-ahar-a*
 DEM 3.II-pegar-NZR-RFR
 ‘ele é o pegador (dele)’ (Magalhães e Mattos 2014:256)

- (12) *Hosana- \emptyset Amỹxa'ate-a \emptyset -mi-juhu 'y-pe*
 N.PR.-RFR N.PR.-RFR 3.I-S-banhar.se rio-LOC
 ‘Rosana banhou Amỹxa'atea no rio’ (Magalhães e Mattos 2014:256)

A análise dos nomes e verbos no Guajá permite afirmar que existem critérios sintáticos e morfológicos suficientes para estabelecer uma distinção entre as duas classes.

4.4 O Guajá como uma Língua Omnipredicativa

Nas línguas indo-europeias, a classe lexical dos nomes funciona tipicamente como argumento, ou seja, nomeia os participantes da oração, enquanto a classe lexical dos verbos funciona tipicamente como predicado. Contudo, em um número significativo de línguas em todo o mundo, nomes e verbos não desempenham necessariamente funções gramaticais de argumento e predicado, respectivamente. As línguas da família Tupí-Guaraní são exemplos de línguas em que o nome também pode funcionar como núcleo de predicado, sendo possível que um predicado seja completo com um só nome. Os nomes podem assumir a posição de núcleo de predicado de uma oração em duas situações: como núcleo de predicados existenciais (13), ou como núcleo de predicados equativo/inclusivos (14). Os predicados estão representados abaixo entre < >.

⁶ Para maiores detalhes sobre o funcionamento da Hierarquia Referencial no Guajá, confira Magalhães (2012).

- (13) <tapi'i>_{SNPred} (ka'a-pe)
 anta mato-LOC
 '(tem) anta (no mato)' (Magalhães e Mattos 2014:267)
- (14) [Jamakwarer-a]_{SN} <kwaxi-a>_{SNPred}
 Jamakwarer-RFR quati-RFR
 'Jamakwarer é um quati' (Magalhães e Mattos 2014:266)

A propriedade que tanto nomes quanto verbos têm de exercerem função primária de predicado é uma importante característica das línguas de tipologia omnipredicativa, termo cunhado por Launey (1994) para descrever a estrutura da língua Nahuatl.

Por essa e outras razões, Queixalós (2001; 2006) defende que as línguas da família TG descendem de um ancestral comum de tipologia omnipredicativa. É importante ressaltar, no entanto, que o fato de nomes e verbos funcionarem primariamente como predicado não é a única evidência que permite afirmar que algumas línguas dessa família mantêm características omnipredicativas. Outras características como a presença produtiva de um sufixo referenciante e a expressão dos argumentos por meio de índices pessoais são apontadas por Magalhães, Praça e Cruz (2019) para sustentar a hipótese de que nas línguas atuais podemos encontrar, por um lado, línguas que permanecem altamente omnipredicativas, como o Tupinambá e o Apyãwa e, por outro, línguas em que os traços omnipredicativos vão desaparecendo gradativamente, como Kamaiurá, Parintintim, Guajá. Na outra ponta, encontramos línguas como o Nheengatú, que perderam essas propriedades e seriam mais bem classificadas como uma língua não omnipredicativa.

5 O Uso dos Sufixos *-hu* e *-i* e Suas Características

No Guajá, há sufixos que se associam a nomes e verbos, denotando dimensão nos nomes, porém intensidade ou atenuação nos verbos. Em termos semânticos, ao serem associados a uma raiz nominal, estas permanecem na mesma classe, mas referindo-se a entidades diferentes (Magalhães 2007). Ao serem associados a uma raiz verbal, esta também permanece na mesma classe, porém a alteração semântica pela qual passa é significativa.

Aplicando os critérios de Haspelmath e Sims (2010) e Payne (2006) de maneira geral, os sufixos intensificador *-hu* e atenuativo *-i* apresentam alguns comportamentos típicos de flexão: seguindo Haspelmath e Sims (2010), possuem semântica regular e não alteram a classe da raiz. Complementando com as características elencadas por Payne (2006), os referidos morfemas tendem a ter o mesmo efeito quando aplicados.

Contudo, observam-se outras tantas propriedades típicas de derivação nos sufixos: levando-se em consideração os critérios de Haspelmath e Sims (2010), eles não são relevantes para a sintaxe, são opcionais, criam um novo conceito, possuem aplicabilidade limitada, são expressos próximos à base, e não acumulam noções gramaticais. Já se interpretados segundo os critérios de Payne (2006), os sufixos não são requeridos pelo contexto sintático, afetam de modo considerável o significado da raiz e tendem a não se aplicarem em todas as raízes. No decorrer desta seção, descreveremos as características formais e analisaremos mais detalhadamente o uso dos referidos sufixos no Guajá para, na seção 5, concluirmos a análise no que diz respeito à sua melhor classificação, se flexionais ou derivacionais.

5.1 O Sufixo Intensificador *-hu*

O sufixo *-hu* e seus alomorfes, *-uhu*, *-yhy* e *-hy*, são tônicos, uma vez que atraem a tonicidade da última sílaba da raiz para si. São inseridos imediatamente após a raiz, antes dos sufixos flexionais que expressam referencialidade, coletividade e aspecto nos nomes, e antes dos sufixos nominalizadores nos verbos (21). Nos

nomes, só ocorrem a forma *-hu* e *-uhu* do sufixo, sendo essa última associada a raízes que terminam em consoante. Nos verbos, o morfema assume sempre as formas *-hy* e *-yhy*, sendo a última forma associada a raízes terminadas por consoantes. Semanticamente, ao se associar a uma raiz nominal, não causa alteração na classe lexical, que permanece sendo um nome, mas promove uma interpretação de diferenciação entre espécies animais e vegetais caracterizada pela dimensão, isto é, a adição do sufixo intensificador denomina uma espécie diferente da nomeada pela raiz, de dimensão inerentemente maior que a espécie de referência.

- (15) a. *tatu-a*
tatu-RFR
'tatu' (esp. *Dasypus* sp.) (Magalhães 2007:160)
- b. *tatu-hu-a*
tatu-INTS-RFR
'tatu canastra' (esp. *Priodontes masimimus*) (Magalhães 2007:160)
- (16) a. *mukuri-a*
cuíca-RFR
'cuíca' (esp. *Gracilinanus emiliae*) (Trevelin et al. 2015:9)
- b. *mukuru-hu-a*
cuíca-INTS-RFR
'mucura' (esp. *Didelphis marsupialis*) (Trevelin et al. 2015:9)
- (17) a. *a'y-a*
preguiça-RFR
'preguiça' (esp. *Bradypus variegatus*) (Trevelin et al. 2015:9)
- b. *a'y-hu-a*
cuíca-INTS-RFR
'preguiça-real' (esp. *Choloepus didactylus*) (Trevelin et al. 2015:9)

Já quando aplicado aos verbos, o sufixo denota intensidade ou potencialização do evento ou estado expresso pela raiz, a depender da sua semântica lexical. No dado (18), por exemplo, o intensificador *-hy* não determina que o 'dizer' é intenso no sentido de 'falar muito', mas sim no sentido de 'falar firme', 'brigar'.

- (18) *i-men-a* *i-ʔ-hy* *i-pe* *awije*
3.II-marido-RFR 3.I-dizer-INTS 3.II-para frequentemente
'o marido dela brigava (falava forte) com ela todo dia' (Magalhães dados inéditos)
- (19) *a-jaho-hy* *ta* *xi* *ni = Ø-pamẽ* *Parasi* *Ø-pe*
1.I-ir-INTS DES IMPERF 2.II = R-com Brasília R-DAT
'eu queria muito ir para Brasília com você' (Magalhães dados inéditos)
- (20) *a-pyhyk-yhy* *kamẽ*
IMP.SG-segurar-INTS PROIB
'não o aperte!' (Magalhães 2007:201)
- (21) *puhỹ* *i-rawa-hy-ma'a*
remédio 3.II-ser.amargo-INTS-NMZR
'o remédio que é muito amargo' (Magalhães 2007:202)

O sufixo intensificador não pode ser aplicado em todas as raízes, como é possível observar pela agramaticalidade de (22).

- (22) **a-mũ-hu* *iha-pe*
 IMP.SG-dar-INTS 1.II-DAT
 ‘dê (forte) para mim’ (Magalhães dados inéditos)

5.2 O Sufixo Atenuativo –’i

O sufixo -’i e seus alomorfes, -a’i, -’ĩ e -a’ĩ, também se tornam tônicos por atraírem a tonicidade da última sílaba da raiz para si. Têm o mesmo comportamento morfológico que o sufixo intensificador, sendo inseridos imediatamente após a raiz, antes dos sufixos flexionais que expressam referencialidade, coletividade e aspecto nos nomes, e antes dos sufixos nominalizadores nos verbos. Seus alomorfes são condicionados fonologicamente, ocorrendo a forma -’i antes de raízes terminadas em vogais orais, a forma -a’i antes de raízes terminadas por consoantes precedidas por vogais orais, a forma -’ĩ é associada a raízes terminadas em vogais nasais e -a’ĩ associada a raízes terminadas em consoantes precedidas por vogais nasais. Semanticamente, assim como no sufixo intensificador, ao ser aplicado a um nome, o sufixo -’i caracteriza uma espécie de dimensão inerentemente menor que a espécie de referência, não associada ao sufixo. Assim, nos dados a seguir, o sufixo -’i ocorre junto a *jawatara* ‘aririnha’ (23b) para denotar que a doninha amazônica é uma outra espécie relacionada, mas de menor dimensão. O mesmo com relação ao tamanduá-bandeira (24a), que é tomada como a espécie referência e a raiz, quando associada ao sufixo atenuativo, refere-se ao ‘tamanduá-í’, espécie de dimensão inerentemente menor.

- (23) a. *jawatara-Ø*
 lontra-RFR
 ‘lontra’ (esp. *Lontra longicaudis*) (Trevelin et al. 2015:10)
- b. *jawatara-’i-a*
 lontra-ATEN-RFR
 ‘doninha amazônica’ (esp. *Mustela africana*) (Trevelin et al. 2015:10)
- (24) a. *tamarawã-Ø*
 tamanduá-bandeira-RFR
 ‘tamanduá-bandeira’ (esp. *Myrmecophaga tridactyla*) (Trevelin et al. 2015:9)
- b. *tamarawã-’ĩ-a*
 tamanduá-bandeira-ATEN-RFR
 ‘tamanduá-í’ (esp. *Cyclopes didactylus*) (Trevelin et al. 2015:9)

Já nos verbos, o sufixo indica a atenuação da ação ou evento expresso pela semântica lexical da raiz, podendo expressar que a ação ou evento esteve a ponto de ocorrer, mas não se efetivou de maneira completa, como em (25), ou que ela foi executada com menor duração do que normalmente se espera, como em (26) e (27).

- (25) *akwixi-a* *a-jka-naĩ* *karai* *r-ape* *r-ipi*
 cotia-RFR 1.I-matar-ATEN não-indígena R-caminho R-por
 ‘eu quase matei uma cotia no caminho do não-índio’ (Magalhães 2007:201)

- (26) *Amẽ Junai t-i-'i-ka'ĩ ha= Ø-pamẽ*
espera N.PR EXO-3.II-falar-ATEN 1.II-R-COM
‘deixa o Junai falar comigo um pouquinho’ (Magalhães dados inéditos)
- (27) *jaha a-jamixo a-mytuk-ãj amõ-a anỹ*
eu 1.I-pilar 1.I-soprar-ATEN outro-RFR COM
‘eu pilei e soprei um pouco o outro (arroz)’ (Magalhães 2007:201)

Não há registros de uso do sufixo atenuativo com verbos estativos. Quando se quer atenuar o estado ou qualidade expresso por essas raízes, usa-se a partícula intra-predicado *juhu* ‘pouco’, que exprime intensidade menor (Magalhães 2007:202):

- (28) *h-awyhu juhu*
3.II-azul pouco
‘é azul-claro’ (Magalhães 2007:202)

5.3 Características Gerais

Tendo como base os Quadros 1 e 2 e as características dos morfemas analisados, algumas prototipicidades elaboradas por Haspelmath e Sims (2010) se assemelham às elaboradas por Payne (2006).

Portanto, considerando *P* para Payne e *H* para Haspelmath e Sims, podemos obter o seguinte quadro comparativo (Quadro 3):

a)	H1 = P1
b)	H2
c)	H3 = P3
d)	H4 = P4
e)	H5 = P5
f)	H6
g)	H7
h)	H8
i)	P2
j)	P6

Quadro 3: Resumo das características prototípicas da flexão e derivação estabelecidas por Payne (2006); e Haspelmath e Sims (2010)

Esse quadro servirá como referência para avaliarmos as características dos morfemas *-i* e *-hu* como mais flexionais ou mais derivacionais. Abaixo listamos as características prototípicas do processo de derivação segundo ambos os autores e, em seguida, na seção 5, apresentamos a nossa análise.

a) Não relevante para a sintaxe (H1) / raramente é requerido pelo contexto sintático (P1): os sufixos *-i* e *-hu* não são requeridos pelo ambiente sintático, uma vez que os contextos sintáticos em que ocorrem com raízes tanto nominais quanto verbais não acionam concordância com qualquer outro elemento da sentença. O uso dos sufixos é determinado pelo contexto lexical. No que se refere a esta característica, ambos os morfemas apresentam, portanto, comportamento derivacional.

b) **Opcional (H2)**: a associação dos morfemas *-i* e *-hu* nos nomes e verbos é opcional, uma vez que a semântica de atenuação e intensidade não são expressas obrigatoriamente nos nomes e verbos. Há diversas espécies de animais e vegetais de dimensão maior ou menor que uma espécie de referência que não ocorrem associados a esses morfemas, assim como também há uma forma de expressar atenuação e intensidade sintática nos eventos descritos pelos verbos, por meio da associação de advérbios com essa função. Assim, essa característica também aproxima tais sufixos do processo de derivação.

c) **Cria um novo conceito (H3) / afeta de modo considerável o significado da raiz (P3)**: podemos afirmar que ambos os sufixos concedem uma nova semântica, tanto para os verbos quanto para os nomes. O sufixo intensificador, acrescenta às raízes verbais uma semântica de intensidade/potência do evento ou estado expresso pelo verbo que, na maioria das vezes, precisa ser traduzida por itens lexicais distintos do português, como em *pyhyk* ‘segurar’ e *pyhyk-yhy* ‘apertar’, enquanto expressa nos nomes entidades distintas de tamanho inerente maior, como *jawar* ‘cachorro’ e *jawar-uhu* ‘onça’. Já o sufixo atenuativo resulta, ao se associar com verbos, num evento de intensidade menor que o denotado pela raiz afetando ora consideravelmente seu significado, como em *ika* ‘matar’ e *ika-naĩ* ‘acertar (com a flecha) sem matar’, ora sutilmente, como em *tara’o* ‘escolher (o arroz)’ *tara’ok-āj* ‘escolher um pouquinho (o arroz)’. Nos nomes, definitivamente criam um novo significado ao expressarem entidades distintas de tamanho inerente maior, como *akanũ* ‘porco-espinho’ e *akanũxi-’ĩ* ‘rato-de-espinho’. Este critério aponta para um processo derivacional.

d) **Aplicabilidade limitada (H4) / tende a não se aplicar em todas as raízes de uma mesma categoria lexical (P4)**: nem todas as raízes aceitam os sufixos, havendo diversas combinações agramaticais, tanto com raízes nominais quanto com verbais, em que os morfemas não podem ocorrer, como ilustrado pelo exemplo (22), em que sufixo intensificador não pode ocorrer com o verbo *mũ* ‘dar para mim’ nem como o nome *wari-a* ‘guariba’. A aplicabilidade limitada configura novamente um processo de derivação.

e) **Semântica provavelmente irregular (H5) / Tende a não ter sempre o mesmo efeito semântico quando aplicada (P5)**: Neste quesito, podemos afirmar que toda vez que os sufixos forem aplicados a uma mesma categoria lexical, terão o mesmo efeito semântico: intensidade e atenuação nos eventos e estados expressos pelas raízes verbais e dimensão inerentemente maior ou menor nas entidades denotadas por raízes nominais. Diferente das demais propriedades, neste caso tal regularidade caracteriza um fenômeno mais prototipicamente flexional.

f) **Expresso em posição próxima a base (H6)**: os sufixos intensificador e atenuativo são alocados antes dos sufixos flexionais que expressam referencialidade, coletividade e aspecto nos nomes, e antes dos sufixos derivacionais que nominalizam os verbos. Vale ressaltar que, no Guajá, os morfemas flexionais verbais são todos prefixais. De qualquer forma, ambos os morfemas ocorrem em posição mais próxima à base do que qualquer outro sufixo, independente da natureza flexional ou derivacional deste. No que se refere a esta característica, os sufixos intensificador e atenuativo se aproximam do processo de derivação, uma vez que é necessário primeiro derivar o item lexical, para somente depois acomodar os morfemas flexionais.

g) **Induz menos alomorfia das bases (H7)**: a associação dos sufixos intensificador e atenuativo nas raízes verbais e nominais do Guajá induz pouca alomorfia das bases, sendo estas identificadas em alguns raros itens lexicais como *akanũ* ‘porco-espinho’ e *akanũxi-’ĩ* ‘rato-de-espinho’. Apesar de Haspelmath e Sims (2010) se referirem a esta característica como apenas uma tendência segundo a qual um padrão morfológico que induz mais alomorfia nas bases pode ser mais tipicamente flexional, tal tendência aponta para uma característica mais associada à derivação dos sufixos do Guajá.

h) **Sem possibilidade de acumular noções gramaticais em um mesmo morfema (H8)**: os sufixos *-hu* e *-’i* não acumulam noções gramaticais, expressando especificamente dimensão maior ou menor nos nomes e

intensidade ou atenuação nos verbos, isto é, não se acumula tais noções gramaticais com outras no mesmo morfema. Temos, nesse caso, uma característica mais relacionada à derivação.

i) **Normalmente muda a classe da palavra (P2):** no uso de ambos os sufixos, não há alteração de classe da palavra, o que impede de classificarmos esses morfemas como prototipicamente derivacionais. No entanto, é comum nas línguas do mundo que morfemas derivacionais não alterem necessariamente a categoria lexical das raízes a que estão associados, sendo esta uma característica pouco relevante.

j) **Tende a ocorrer em paradigmas não regulares (P6):** os sufixos *-hu* e *-i* ocorrem em eixos de seleção paradigmáticos não regulares, isto é, não há como definir um conjunto particular de raízes verbais ou nominais que tendem a ocorrer com esses morfemas, sendo assistemática a sua sufixação com determinadas bases, característica típica da derivação.

6 Os Sufixos *-hu* e *-i* no *Continuum Derivacional e Flexional*

A partir da exemplificação do uso dos sufixos, bem como a análise de suas características derivacionais e flexionais a partir dos critérios de Payne (2006) e Haspelmath e Sims (2010), podemos nos voltar para a questão principal: em que parte do *continuum* alocam-se tais sufixos?

Se considerarmos, com Haspelmath e Sims (2010:100), a abordagem de que padrões morfológicos são mais bem compreendidos como situados em um *continuum* que varia desde a maioria dos padrões claramente flexionais para os padrões mais claramente derivacionais, os sufixos intensificador e atenuativo do Guajá, apesar de não serem considerados exemplos prototípicos de derivação, podem ser alocados mais próximos deste processo morfológico por apresentarem um maior número de características derivacionais. No entanto, não podemos considerá-los exemplos prototípicos de derivação, uma vez que também apresentam algumas características típicas de flexão, como ilustrado no quadro abaixo (Quadro 4), considerando *D* para derivação e *F* para flexão, que resume a discussão desta seção.

		Verbos	Nomes
a)	H1 = P1	D	D
b)	H2	D	D
c)	H3 = P3	D	D
d)	H4 = P4	D	D
e)	H5 = P5	F	F
f)	H6	D	D
g)	H7	F	F
h)	H8	D	D
i)	P2	F	F
j)	P6	D	D

Quadro 4: Resumo das características prototípicas da flexão e derivação (cf. seção 4) aplicadas aos sufixos intensificador e atenuativo do Guajá

A noção de um *continuum*, onde cada morfema pode ser situado em algum ponto, às vezes mais ao extremo, às vezes mais ao centro, de uma linearidade flexível e não eliminatória, permite a maleabilidade necessária aos conceitos nem sempre prototípicos de algumas categorias conceituais, como é o caso da discussão sobre a definição dos sufixos *-hu* e *-i* como tipicamente derivacionais ou flexionais. Conforme visto, tais sufixos não apresentam características exclusivas de derivação ou flexão. Portanto, podemos alocá-los mais à derivação, mas não prototipicamente (Figura 4).

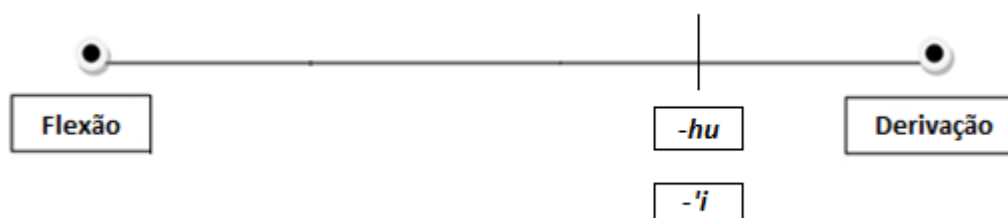


Figura 4: Os sufixos *-hu* e *-i* no *continuum* derivacional e flexional

7 Considerações Finais

O fato de os sufixos intensificador e atenuativo do Guajá promoverem uma alteração semântica regular na raiz à qual se anexam e não alterarem a classe lexical desta raiz poderia, se fossem esses critérios específicos tomados como fundamentais para a caracterização do processo morfológico, nos levar à conclusão de que tais morfemas são flexionais. No entanto, a partir de uma abordagem do *continuum*, por meio da qual se avalia as propriedades desses morfemas como um todo, evitando-se fazer uma escolha arbitrária de critérios específicos, o resultado a que chegamos permitiu situar melhor os morfemas intensificador e atenuativo do Guajá como derivacionais no continuum Flexão x Derivação pelas seguintes características: a) não são relevantes para a sintaxe da língua, tendo seu uso determinado pelo contexto lexical; b) são opcionalmente associados a raízes verbais e nominais, isto é, a noção semântica que expressam não é obrigatoriamente expressa nessas classes; c) afetam de maneira significativa o significado da raiz a que se associam; d) não se aplicam a todas as raízes das duas categorias; e) são expressos em posição próxima à base; f) raramente induzem alomorfa da base; g) não expressam noções gramaticais de maneira cumulativa e h) não ocorrem em paradigmas regulares.

Além disso, o fenômeno aqui analisado ilustra a transcategorialidade desses morfemas, que podem ser associados tanto a nomes quanto a verbos. Tal característica encontra respaldo na hipótese citada na seção 3 de que o Guajá, como as demais línguas da Família Tupí-Guaraní, seria descendente de uma língua ancestral de tipologia omni-predicativa, uma vez que o compartilhamento de morfemas entre as classes de nomes e verbos é característica comum nesse tipo de língua.

8 Agradecimentos

Agradecemos aos organizadores do Cadernos de Etnolinguística, Flávia de Castro Alves, Lev Michael e Roberto Zariquiey pela organização do volume, à Christiane Cunha Oliveira, pela organização do volume temático e pelo incentivo à publicação do trabalho apresentado do congresso Americanistas do Cerrado, na UFG, e aos pareceristas, por suas valiosas contribuições e sugestões. Também agradecemos ao Programa de Iniciação Científica da Universidade de Brasília, coordenado pelo Decanato de Pós-Graduação, que permitiu iniciar esta pesquisa enquanto projeto de iniciação científica.

9 Convenção de Glosas

As glosas utilizadas neste trabalho são: 1 ‘primeira pessoa’, 2 ‘segunda pessoa’, 3 ‘terceira pessoa’, I ‘série I de prefixos pessoais’, II ‘série II de marcadores pessoais clíticos’, ABL ‘sufixo ablativo’, ATEN ‘sufixo atenuativo’, CAUS ‘prefixo causativo’, CONJ ‘conjunção’, COL ‘sufixo coletivizador’, COM ‘posposição comitativa’, DAT ‘posposição dativa’, DEM ‘demonstrativo’, DES ‘desiderativo’, EXO ‘prefixo de modo exortativo’, FUT ‘futuro’, HUM ‘prefixo de referente humano indeterminado’, IMP.SG ‘prefixo imperativo singular’, IMPERF ‘imperfectivo’, INTS ‘sufixo intensificador’, LOC ‘sufixo locativo’, NMZR ‘sufixo nominalizador’, N.PR ‘nome próprio’, PLU ‘partícula pluralizadora’, POS4 ‘partícula posicional ‘deitado’,

PROIB ‘partícula proibitiva’, PROSP ‘sufixo de atualização nominal prospectiva’, R ‘prefixo relacional’, RETR ‘sufixo de atualização nominal retrospectiva’, RFR ‘sufixo nominal referenciante’

10 Referências

- Cabral, Ana Suelly Arruda Câmara. 1996. *Algumas evidências linguísticas de parentesco genético do Jo'ê com as línguas Tupi-Guarani*. Belém: Revista dos Cursos de Pós-graduação em Letras.
- Câmara Jr, Joaquim Mattoso. 1970. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes.
- Cunha, Péricles. 1987. *Análise fonêmica preliminar da língua Guajá*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas.
- Garcia, Uirá Felipe e Marina Maria Silva Magalhães. 2021. *Povos indígenas no Brasil (Guajá)*. Brasil: Instituto Socioambiental. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/index.php?search=povo+guaj%C3%A1>>. Acesso em: 1 jul. 2021.
- Givón, Talmy. 2001. *Syntax: a functional-typological introduction*. Vol. I/II. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins.
- Haspelmath, Martin e Andrea D Sims. 2010. *Understanding morphology (Understanding Language Series)*. London: Hodder Education.
- Launey, Michel. 1994. *Une grammaire omnipredicative (Essai sur la morphosyntaxe du Nahuatl)*. Paris: CNRS Editions.
- Magalhães, Marina Maria Silva. 2002. *Aspectos fonológicos e morfossintáticos da língua Guajá*. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília.
- Magalhães, Marina Maria Silva. 2007. *Sobre a morfologia e a sintaxe da língua Guajá (Família Tupi-Guarani)*. Tese de doutorado, Universidade de Brasília.
- Magalhães, Marina Maria Silva. 2012. Hierarquia de referências na língua Guajá e nas demais línguas Tupi. Belém: *Anais da II CIDS*, Universidade Federal do Pará.
- Magalhães, Marina Maria Silva e Ana Cristina Rodrigues de Mattos. 2014. *Classes de palavras, tipos de predicados e sua relação com a intransitividade cindida em Guajá*. Anápolis: Via Litterae 6(2):251-284.
- Magalhães, Marina Maria Silva, Walkíria Neiva Praça e Aline da Cruz. 2019. *Gradação da omnipredicatividade na família Tupi-Guarani*. Colômbia: Forma y Función 32(2):151-189.
- Nichols, Johanna. 1984. *Functional theories of grammar*. Annual Review of Anthropology 13(1):97-117.
- Payne, Thomas. 2006. *Exploring language structure: a student's guide*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Queixalós, Francisco. 2001. Le suffixe référentiel en émérillon. In: Queixalós, Francisco. (ed.). *Des noms et verbes en tupi-guarani: état de la question*. Munique: Lincom Europa Studies in Native American Languages 37:117-132.
- Queixalós, Francisco. 2006. The primacy and fate of predicativity in Tupi-Guarani. In: Lois, Ximena e Valentina Vapnarsky. (eds.). *Lexical categories and root classes in amerindian languages*. Viena: Peter Lang.
- Rocha, Luiz Carlos de Assis. 2008. *Estruturas morfológicas do português*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- Rodrigues, Aryon. 1984/1985. *Relações internas na família linguística Tupi-Guarani*. São Paulo: Revista de Antropologia, Universidade de São Paulo 27/28:33-53.
- Rodrigues, Aryon. 1994. *Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola.
- Trevelin, Leonardo Carreira, Marcelo Yokoi e Marina Maria Silva Magalhães. 2015. Brasil: *Relatório sobre a primeira visita de integrantes do projeto ARPA à comunidade Awá Guajá da Aldeia Juriti*.